

O texto a seguir nos convida a iniciar a conversa sobre o tema da memória e suas implicações na formação de sujeitos e na construção de uma cidadania crítica e participativa.

“Direto do túnel do tempo”... Ou sobre a relação entre memória, identidade e esquecimento

Viviane Amorim

Já no início deste texto proponho aos/às leitores/as um exercício... Vamos pensar rapidamente nas emoções e reações que temos ao nos deparar com determinados objetos, músicas, imagens que motivam lembranças de um passado distante ou recente. Curioso pensar também nos “sabores e odores” de nossas recordações, assim como, nos lugares visitados por nós... Quantas diferentes sensações e intensidades aparecem nesta breve reflexão!

Assim, quase que instantaneamente, somos levados a perceber que são vários os lados desse verdadeiro caleidoscópio de ideias sobre o que define e alimenta nossa memória. Outros exemplos são facilmente percebidos: na escolha das datas que celebramos e até mesmo em frases presentes em nosso dia a dia tais como: “Ih, minha memória não anda bem...”, “No meu tempo as coisas eram diferentes!” “Deleti isso da minha memória!” “Quem vive de passado é museu!”

Nesse sentido, a memória tanto em sua dimensão individual quanto coletiva nos remete às lembranças ou informações que representam nosso patrimônio cultural: monumentos, edificações arquitetônicas, documentos, fotografias, valores, significados, costumes, tradições, relatos orais etc. A memória não é, portanto, um simples fenômeno de interiorização individual, mas uma construção social, um fenômeno coletivo modelado por diferentes grupos sociais e parte integrante do nosso cotidiano.

Sendo, portanto, um tema que envolve diferentes campos de estudos e perspectivas, nossa conversa será orientada por breves questões cujo objetivo é incentivar uma discussão sobre a importância de se fazer memória e suas relações com o esquecimento e a identidade individual e coletiva.

A memória sempre implica em uma seleção. As possibilidades de organização de fatos e episódios deixam clara a marca da descontinuidade nesse processo. Desta maneira, o esquecimento (intencional ou não) cumpre papel fundamental. A impossibilidade de guardar todas as informações, a necessidade de bloquear os elementos indesejáveis/traumáticos e o fato de que as percepções do passado mudam quando as próprias pessoas mudam confirmam essa ideia. Sabemos que é impossível contar uma história duas vezes da mesma maneira.

Não basta somente recordar. É necessário refletir sobre o uso que se faz disso. Pensar-se, localizar-se, enraizar-se. Esse 'caminhar' pode ser individual, coletivo ou

histórico. Cada indivíduo carrega consigo muitas histórias construídas através de diferentes percepções e experiências que possui. Por outro lado, não devemos esquecer que as relações de poder estão presentes em todas as relações sociais. Nesse sentido, devemos sempre questionar sobre os usos da memória como um instrumento de poder. Por exemplo, os 50 anos do golpe civil-militar de 1964, tão presente na mídia hoje, numa perspectiva de direitos humanos, nos desafia a refletir sobre o legado da ditadura e o quanto devemos avançar no processo de consolidação da democracia brasileira.

Não está apenas relacionada ao passado: tem a ver com a nossa identidade e com a ideia de futuro. Somos quem somos porque temos nossas próprias memórias, marcas e relatos de vida. Outrossim, ao fazermos memória na relação com os outros construímos identidades que são referências para projetos futuros. Resistência e pertencimento são elementos fundamentais na constituição de processos identitários, em especial, nos processos de valorização e empoderamento de grupos historicamente negados e marginalizados.

A principal intenção deste texto foi ser um ponto de partida para o debate. O ponto de chegada depende agora de vocês! Compreende-se que refletir e agir nessa perspectiva favorece o “fazer do mundo” um lugar melhor a partir de nossas próprias experiências.

Como “segundo tempo” desta conversa trazemos algumas frases para provocar outras reflexões sobre esse tema tão cheio de significados...

“A vida de uma pessoa não é o que lhe acontece, mas aquilo que recorda e a maneira como o recorda”.
Gabriel Garcia Marquez

“Aquilo que a memória ama, nela permanece para sempre”.

Adélia Prado

“O esquecimento está cheio de memória”.

Mario Benedetti

“Fazer memória não é memorizar. Fazer memória é pensar-se, localizar-se, inscrever-se em um caminhar como povo, coletivo múltiplo e diverso, que 'faz história'. Por isso mesmo, se faz necessário recolher o legado de quem em outras épocas estiveram nas mesmas ruas. Travessias de tempo somos”.

Eduardo Galeano

Editora: Susana Sacavino
Texto Final: Sílvia Maria F. Pedreira
Supervisão Editorial: Adelia Maria Koff
Composição Gráfica: Companhia Visual Manteca
Equipe Responsável: Marilena Guersola
Maria da Consolação Lucinda
Marinauva de Azevedo Souza
Vera Maria Candau
Viviane Amorim

Ano XIV - Nº 127
Abril/Maio

2014 DDHH Direitos Humanos na sala de aula

datas
SIGNIFICATIVAS

04
Dia Contra a
Prostituição Infantil

07
Dia Mundial da
Saúde

12
Dia dos Jovens

22
Dia do Planeta Terra
(Dia da Terra)

28
Dia da Educação

01
Dia Mundial do/a
Trabalhador/a

13
Dia de Luta contra a
Discriminação Racial

18
Dia dos Povos
Indígenas da América

25
Dia Internacional de
Ação pela Saúde da
Mulher

29
Dia Internacional dos
Construtores de Paz
das Nações Unidas

APRESENTAÇÃO

É com entusiasmo e grande expectativa que a equipe responsável pelo DDHH na sala de Aula publica a primeira edição deste ano. Apoiadas em Gonzaguinha, recordamos que “toda pessoa sempre é as marcas das lições diárias de outras tantas pessoas” e apresentamos o lema 2014 da Novamerica: “Fazer memória, tecer cidadania, fortalecer identidades!” A relação entre memória, cidadania e identidades orientará a proposta de trabalho nas cinco edições do boletim, neste ano. Neste, em cada uma de suas seções, daremos destaque ao conceito de memória e a sua relação com a constituição de nossas identidades individuais e sociais.

E, uma vez mais com Gonzaguinha, convidamos, aos/às colegas dos diferentes núcleos que, além da publicação das atividades na última edição do ano, deixem suas marcas e lições diárias, enviando sugestões de materiais de apoio, atividades pedagógicas e informes de eventos a serem realizados nas escolas sobre a temática dos direitos humanos e sobre o lema 2014. As sugestões, encaminhadas por Jussara Alexandre, do núcleo Nova Iguaçu, inauguram essa participação na seção “Enriquecendo a ação”. Lembramos que a publicação é feita a cada bimestre e o e-mail para envio é escola@novamerica.org.br

Reafirmamos nossa disposição de fortalecer laços, damos boas vindas àqueles e àquelas que se aproximam do Movimento de Educadores/as em Direitos Humanos, tomando o boletim como um subsídio para reflexão e a prática educativa.

A EQUIPE

“A MEMÓRIA, ONDE CRESCE A HISTÓRIA, QUE POR SUA VEZ A ALIMENTA, PROCURA SALVAR O PASSADO PARA SERVIR O PRESENTE E O FUTURO. DEVEMOS TRABALHAR DE FORMA QUE A MEMÓRIA COLETIVA SIRVA PARA LIBERTAÇÃO E NÃO PARA A SERVIDÃO DOS HOMENS.”

↳ KOFF em 1994

Participe

Em breve divulgaremos o Programa de Atividades Abertas de 2014, com as datas e os locais de realização. Você é nosso/a especial convidado/a para essas oportunidades de encontro, reflexão conjunta, debates. Acompanhe a divulgação na página da Novamerica.

Visite também o site do Observatório de Educação em Direitos Humanos em Foco pela página da Novamerica pelo site

<http://observatorioedhemfoco.com.br/>

NOVAMERICA
Programa Direitos Humanos
Educação e Cidadania

ISSN 1519-9827 - NOVAMERICA
Rua Dezenove de Fevereiro, 160 - Botafogo - CEP: 22280 - 030
Rio de Janeiro - R.J. - BRASIL - Tel/fax: 2542 6244 - 2295 8033
E-mail: escola@novamerica.org.br
<http://www.novamerica.org.br>

DDHH
Direitos Humanos
na sala de aula

2014 FAZER MEMÓRIA,
TECER CIDADANIA,
FORTALECER IDENTIDADES

A SALA DE AULA EM MOVIMENTO

Cara professora, caro professor, entendendo o ato de educar como o de “abrir janelas”, o lema 2014 oferece variadas aberturas para orientar nosso trabalho na formação de sujeitos que possam compreender e agir no mundo de forma solidária e consciente. Para tanto, nesse boletim, numa abordagem mais geral, privilegiamos explorar o conceito de memória e sua relação com as histórias de vida. O texto da seção “Para refletir” tem como função apoiá-lo/a. Não deixe de lê-lo antes de realizar as atividades com os/as alunos/as.

Ensino Fundamental Anos iniciais (1º, 2º e 3º)

- ➔ Iniciar uma conversa sobre a memória. Levantar oralmente o que as crianças sabem/pensam sobre esta palavra.
- ➔ Perguntas que podem ajudar: **Que memórias nos fazem rir? - Que memórias nos fazem chorar?** - Podemos lembrar de tudo que vimos? **Vocês conhecem pessoas que perderam a memória? O que acontece com elas?** Para onde vai a memória quando a perdemos?
- ➔ Colocar uma música suave e pedir que prestem atenção na música, que estiquem braços, pernas e se espreguicem.
- ➔ Voltar à calma e pedir que, concentrados/as na música, fechem os olhos para “ver” na imaginação e lembrar alguma coisa importante que aconteceu em sua vida. Pode ser algum fato que aconteceu ontem ou que aconteceu há muito tempo atrás.
- ➔ Disponibilizar folhas de papel e giz de cera para que as crianças desenhem o que lembraram.
- ➔ Organizar pequenos grupos e incentivar que mostrem os desenhos aos seus colegas e contem suas histórias.
- ➔ Propor a organização de um mural com os desenhos e conversar sobre a importância da memória.
- ➔ Conversar sobre os desenhos, estimular que falem sobre eles, perguntar se tem alguma lembrança triste que gostariam de esquecer.
- ➔ Obs.: Enquanto as crianças trabalham é importante que o/a professor/a esteja muito atento, observando as reações, expressões, sentimentos, emoções que a atividade faz emergir.
- ➔ Como desdobramento, o/a professor/a pode solicitar que os/as alunos/as tragam, num próximo encontro, fotos de família e/ou objetos significativos de suas lembranças para trabalhar as identidades de cada criança.

Ensino Fundamental Anos iniciais (4º e 5º) e anos finais (6º e 7º)

- ➔ Dispor os alunos/as em círculo e espalhar diferentes imagens pelo chão da sala. O número de figuras deve corresponder ao número de participantes, podendo haver imagens repetidas.
- ➔ Colocar uma música e solicitar que os/as alunos/as andem entre as imagens e escolham uma que tenha a ver com a sua história de vida.
- ➔ Em seguida, convidá-los a sentar e distribuir meia folha de papel A4, giz de cera ou hidrocor para que escrevam frases sobre a lembrança que a imagem despertou. As frases podem ser ilustradas com desenhos.
- ➔ Convidar a apresentarem a imagem escolhida e as suas lembranças para o grupo.
- ➔ À medida que forem falando, entregam a frase/desenho para que o/a professor/a monte uma espécie de colcha de retalhos, colando uma a uma.
- ➔ Fechar com comentários sobre a frase do escritor uruguaio Eduardo Galeano “Os cientistas dizem que somos feitos de átomos, mas um passarinho me contou que somos feitos de histórias”.
- ➔ Obs.: Uma visita ao site www.museudapessoa.net pode dar boas sugestões para enriquecer ou aprofundar o debate sobre a importância da memória para a compreensão do que somos e dos projetos de vida que desejamos construir pessoal e coletivamente.

Ensino Fundamental Anos finais (8º e 9º)

- ➔ Dialogar sobre a importância da história de vida pessoal e coletiva. Levantar o que os alunos entendem por memória/esquecimento. Perguntas que podem ajudar: **Que memórias nos confortam? Que memórias gostaríamos de não ter?** Podemos lembrar de tudo que vimos, sentimos e ouvimos? Lembramo-nos de coisas sempre da mesma maneira ou nossas memórias mudam? **Vocês conhecem pessoas que perderam a memória? O que acontece com elas?**
- ➔ Colocar uma música suave e pedir que busquem na memória acontecimentos importantes de suas vidas que tenham provocado felicidade, tristeza ou raiva. Escrever em poucas linhas esta história.
- ➔ Em seguida, pedir que lembrem fatos importantes que tenham acontecido em sua comunidade e que mudaram a vida das pessoas. Escrever em poucas linhas esta história.
- ➔ Organizar grupos para os/as alunos/as compartilharem seus registros.
- ➔ A partir do que compartilharam, cada grupo deverá criar um esquete, escolhendo uma ou partes de várias histórias para apresentar para a turma.
- ➔ Promover a reflexão sobre a importância da dimensão individual e coletiva da memória para as histórias de vida.
- ➔ Fechar com a apresentação e comentários sobre o ditado “Umuntu Ngumuntu Ngabantu” - da cultura zulu, povo da África do Sul - que significa: “Uma pessoa é uma pessoa por intermédio das outras pessoas”.
- ➔ Como desdobramento dessa atividade, o/a professor/a pode propor uma visita a um museu, a um centro de memória ou a um lar de idosos. De forma mais abrangente, essa atividade pode desencadear um levantamento da memória da comunidade por meio da identificação de lugares de memória ou de entrevistas que contem histórias de vida e memórias da escola, do bairro ou do município.

telas direito?

Direito à memória e à verdade

Nos últimos 30 anos, na América do Sul, Paraguai, Argentina, Chile e Uruguai criaram Comissões da Verdade que, em muitos casos, serviram para esclarecer graves violações aos direitos humanos, ocorridas durante a ditadura militar nesses países. No Brasil, somente em 16 de maio de 2012, foi instituída a Comissão da Verdade, criada pela Lei 12528/2011, para efetivar o direito à memória e à verdade histórica sobre as graves violações de Direitos Humanos, ocorridas entre 18 de setembro de 1946 e 5 de outubro de 1988, em especial no período da ditadura militar (1964-85). Para saber mais e acompanhar o tema, consulte o site www.cnv.gov.br.

“Lembrar para não esquecer”

Educar em direitos humanos supõe fazer memória para afirmar hoje e sempre a defesa da vida e da dignidade humana. Nesse sentido, lembrando os 50 anos do golpe civil-militar no Brasil, fazemos memória do estudante Edson Luis, assassinado por policiais, no dia 28 de março de 1968, durante uma manifestação contra o aumento dos preços do restaurante estudantil Calabouço, no centro do Rio. Do mesmo modo, dedicamos esse boletim à memória de Claudia Ferreira da Silva, arrastada por uma viatura policial, após ser baleada numa troca de tiros entre a PM e traficantes, em Madureira, no último dia 16 de março. A morte de Edson deu início a intensas mobilizações contra a ditadura militar, reprimidas pela edição do AI5. A punição dos assassinos de Claudia e de tantas outras e outros é uma exigência e um desafio para a democracia e o Estado de Direito do Brasil hoje.



Dada à importância da dimensão afetiva da memória, selecionamos alguns livros infanto-juvenis para trabalhar o tema, além de outros, tais como: esquecimento, relacionamento entre gerações, amizade, cidadania etc.

Dicas da equipe da Semed / Nova Iguaçu:

- ➔ “Guilherme Augusto Araujo Fernandes”, de Mem Fox, ilustr. de Julie Vivas, Ed. Brinque Book. Disponível para leitura na internet.
 - ➔ “O Guarda-chuva do vovô”, de Carolina Moreira, Ed. DCL.
 - ➔ Para os/as professores/as, Jussara recomenda a leitura dos trabalhos de Eclea Bosi, professora da USP. Na internet, há vários textos, referências e entrevistas deliciosas com a autora.
- Outras dicas:**
- ➔ “Bisa Bia Bisa Bel”, de Ana Maria Machado, Ed. Salamandra.
 - ➔ “Quando eu era pequena” de Adelia Prado, ilustr. de Elisabeth Teixeira, Ed Record.
 - ➔ “Tempo de Histórias”, de Daniel Munduruku, org. por Heloisa Prieto, Ed Salamandra.
 - ➔ “O cheiro da lembrança”, de Celso Sisto, ilustr. de João Lin, Ed. Prumo.
 - ➔ “Sem palmeira ou sabiá”, de Bartolomeu Campos de Queirós, Ed. Petrópolis.
 - ➔ “Memórias inventadas” de Manoel de Barros, Ed. Planeta.